

## **SESSÃO: ARTIGOS**

# **ESCRITAS INDÍGENAS ATRAVÉS DE *BLOGS*: A DEMOCRATIZAÇÃO DO ESPAÇO LITERÁRIO**

Rosana Carvalho da Silva Ghignatti\*

### **RESUMO**

A partir da década de 1990, muitos grupos indígenas vêm progressivamente intensificando suas pesquisas através de diversas áreas voltadas para a Educação. Esse fenômeno, ainda desconhecido por grande parte dos brasileiros, deve-se, entre outros motivos, pelo fato de um número considerável de indígenas terem saído de suas aldeias de origem para estudar nas capitais brasileiras, conseguindo assim títulos acadêmicos e posteriormente, publicando obras relacionadas à arte e literatura indígenas. No entanto, apesar de uma vasta gama de obras impressas publicadas por escritores indígenas, observa-se que é através da internet que muitos deles ganham maior visibilidade, seja pelo aspecto democrático e interativo deste meio de comunicação ou por ser uma alternativa mais viável para quem não tem condições financeiras em adquirir os livros. Leva-se também em consideração, que a literatura na era da contemporaneidade, adquiriu novas parcerias além do livro impresso, possibilitando assim um leque mais abrangente de divulgação artística através de blogs e redes sociais. Pretende-se com esse artigo, analisar o conteúdo dos blogs produzidos por duas escritoras indígenas: Eliane Potiguara e Graça Graúna, e como se dá a relação destes conteúdos com a sociedade contemporânea. Para fundamentar teoricamente essa pesquisa, faremos uso dos estudos de Daniel Munduruku (2012); Luciene Azevedo (2007); Florencia Garramuño (2004); Beatriz Resende (2008) e Eneida Maria de Souza (2002).

**Palavras-chave:** Literatura multimídia. Expansão dos suportes. Escritoras indígenas

### **ABSTRACT**

From the 1990s onwards, many indigenous groups have progressively intensified their research through various areas focused on Education. This phenomenon, which still is unknown by most Brazilians, is due, among other reasons, to the fact that a considerable number of indigenous people left their villages of origin to study in Brazilian capitals, thus obtaining academic titles and later, publishing related works to indigenous art and literature. However, despite a wide range of printed works published by indigenous writers, it is observed that it is through the Internet that many of them gain greater visibility, either due to the democratic and interactive aspect of this means of communication or because it is a more viable alternative for those who has no financial means to acquire the books. It is also taken into consideration that literature in the contemporary era has acquired new partnerships in addition to the printed book, thus enabling a more comprehensive range of artistic dissemination through blogs and social networks. The aim of this article is to analyze the content of blogs produced by two indigenous writers: Eliane Potiguara and Graça Graúna, and how the relationship between these contents and contemporary society takes place. To theoretically base this research, we will use the studies of Daniel Munduruku

---

\* Doutoranda em Literatura e Cultura (UFBA); Mestra em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS); Especialista em Estudos Literários (UEFS) e Graduada em Letras Vernáculas (UNEB). Professora substituta de Literatura e Cultura indígenas e de Cânones e contextos da Literatura Portuguesa (UNEB – Campus XXII) E-mail: [rosanacs26@yahoo.com.br](mailto:rosanacs26@yahoo.com.br)

(2012); Luciene Azevedo (2007); Florencia Garramuño (2004); Beatriz Resende (2008) and Eneida Maria de Souza (2002).

**Keywords:** : Multimedia literature. Expansion of supports. Indigenous writers.

## INTRODUÇÃO

Na era da contemporaneidade percebe-se frequentemente a ampliação da escrita literária para novos suportes de divulgação. O livro impresso deixa aos poucos o seu lugar de exclusividade e começa a transitar por vias digitais, acompanhando assim as novas tecnologias presentes no cotidiano das pessoas. Nesse sentido observa-se a proliferação das literaturas que utilizam as mídias virtuais como veículo propício de divulgação, debates, exposições biográficas de seus autores, além de aproximar estes do seu público leitor. Redes sociais diversas, blogs, e-mails e chats são exemplos frequentes de interação entre o público leitor, já sintonizado com essas novas modalidades, o texto literário, o editor e também o escritor, que se aproxima do seu público na medida em que interage frequentemente com ele, respondendo às dúvidas, indicando sugestões de leitura e até mesmo esclarecendo o seu processo de criação literária. E é nesse panorama virtual, que muitos escritores que ainda não foram contemplados pelo cânone

literário, vêm encontrando seus próprios espaços, não ficando presos a editoras nem a instituições acadêmicas literárias.

A ruptura com o cânone literário vigente, a fluidez de gêneros literários e a absorção dos diversos recursos midiáticos que envolvem a construção do texto traz uma crescente democratização para os estudos literários, proporcionando uma maior aproximação entre o texto e o seu leitor. Beatriz Resende (2008), em estudo sobre as expressões da literatura no século XXI, percebeu que essas novas características de publicar, ler e narrar obras literárias nos espaços midiáticos fortaleceram grupos que antes ficavam à margem das publicações tradicionais de grandes editoras, absorvendo desta forma uma quantidade maior de pessoas que se adaptaram à leitura de blogs literários pela internet. Foi o que aconteceu com muitos intelectuais indígenas e negros, que antes não possuíam meios mais eficazes e democráticos de divulgação das suas obras e agora contam com um número expressivo de sites, redes sociais e outras formas digitais de divulgação.

Em artigo intitulado “Blogs: a escrita de si na rede dos textos”, escrito por Luciene Azevedo (2007) e publicado na *Revista Matraga*, a autora enfatiza a desconstrução da imagem tradicional do autor na estética contemporânea, que vai se deslocando do livro tradicional para suportes menos convencionais como o facebook, o blog e o e-mail. Arelado a esses novos suportes de publicação, outros gêneros textuais vão ganhando destaque nesta época do efêmero, como por exemplo, a crônica, gênero caracterizado pela narrativa curta e totalmente ligada ao cotidiano. As temáticas destas novas experimentações literárias também vão se modificando, e, ao invés de narrativas longas e “monumentais” o leitor desse tipo de literatura se depara com mosaicos de histórias, sentimentos e afetos do dia a dia, experiências pessoais do próprio escritor, com o hibridismo de fronteiras entre o real e o ficcional, a multiplicidade de conteúdos e interpretações que inevitavelmente engloba também o espectador, transformado muitas vezes em parte ativa do processo artístico instaurado pelo autor.

Compartilhando também do pensamento de Azevedo (2007),

observamos no livro *Frutos estranhos* da escritora argentina Florencia Garramuño (2014), uma acurada investigação de tendências culturais contemporâneas que possuem como principal característica a desconstrução das antigas narrativas publicadas tão somente em livros, a favor de possibilidades mais abertas e plurais. Segundo a estudiosa, as diversas formas de expressões, publicadas em uma rede heterogênea de suportes textuais e digitais, delimitam um espaço de não pertencimento na qual a arte, seja ela expressa em pinturas, esculturas, literatura ou música, se recusa a ser confinada a um único jogo de regras e hierarquias, passando a ocupar novos lugares, tanto do ponto de vista estético quanto discursivo.

Outro dado interessante que vem consolidando cada vez mais a inclusão de textos literários em suportes virtuais é a gratuidade desses textos. Em tempos de crise financeira constante, muitos escritores optam por democratizar as suas produções, voltando seus olhares para a classe de estudantes que não possuem condições de adquirir o livro impresso em quantidade. Esses estudantes, geralmente provenientes de comunidades distantes dos grandes centros, que não dispõem de

livrarias e editoras a seu dispor, se valem constantemente da internet para acessar informações, ler livros em PDF e com isso aumentar o seu repertório linguístico e literário.

Especificamente a escrita literária de textos indígenas, tema central deste artigo, conseguiu se adequar às mídias virtuais na medida em que, pela história de exclusão social e histórica sofrida pelos indígenas ao longo dos séculos, percebeu-se o silenciamento das suas culturas em livros didáticos voltados para os ensinamentos fundamentais e médios. Lamentável que foi só a partir da Lei 11.645 de 2008 que um número de escolas adotaram livros que inseriram traços ou ecos da cultura indígena nas salas de aula. Vale ressaltar que esses mesmos livros ainda trazem ideias equivocadas sobre as diversas características dos povos indígenas, além de ainda frisar um conteúdo superficial e pragmático que ainda não contempla a complexidade que o tema possui. Assim, além do livro impresso adotado pelas escolas, outros meios alternativos vão ganhando a cena literária e a escrita também vai se adequando a esta nova maneira de narrar, expor ideias ou valorizar a cultura indígena. E nada melhor para realizar isso do que os

próprios índios, vítimas diretas do processo estúpido da colonização portuguesa.

Desta forma, o que se observa na cena artística contemporânea é o incessante deslocamento de fronteiras artísticas, literárias e disciplinares, através de um trabalho de justaposição por parte destes novos artistas, aos quais vão empilhando matérias, através de um processo teórico e crítico experimental, expandindo assim a noção de pertencimento e inespecificidade na estética contemporânea. Nesse sentido, tanto Azevedo (2007) quanto Garramuño (2014) em outros artigos e trabalhos publicados, esclarecem o conceito de campo expandido ou comunidades expandidas, onde vários tipos de arte dialogam entre si. Neste período contemporâneo há o desaparecimento de fontes consagradas instituídas pela literatura canônica para dá espaço a uma arte mais acessível a uma classe de leitores cada vez mais conectada com estas novas formas de narrativa e expressão.

No clássico texto de Walter Benjamin (1934), intitulado “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”, o filósofo em plena década de 30 já havia

previsto o fim da hierarquização das artes, pois, ao fazer um estudo sobre a reprodução em massa da obra de arte através do cinema e da fotografia, pôde vislumbrar que a obra de arte não ficaria enclausurada mais em museus e bibliotecas destinados para poucos expectadores, mas sim que ela, de acordo com a constante evolução das novas tecnologias iria abranger um público cada vez maior, através de um suporte mais democrático, atraente e dinâmico. Nota-se hoje que a porosidade de fronteiras caracterizam as diversas artes e suportes, através de um riquíssimo diálogo interdisciplinar com outras áreas e gêneros textuais.

Eneida Maria de Souza (2002), autora do livro *Crítica Cult* defende categoricamente que as pluralidades interpretativas devem ser respeitadas e consideradas pela crítica acadêmica e que, na contemporaneidade outras formas de textos devem também ser avaliadas a exemplo da correspondência, do memorialismo e dos textos paraliterários. O capítulo “A teoria em crise” escrita por Souza (2002), vem questionar a teoria literária que durante muito tempo configurou-se como algo engessado, sistemático e elitista, não

ultrapassando os limites de uma disciplina na qual apenas a alguns “eleitos” era dado o direito de selecionar e classificar as obras como “verdadeiramente” literárias. No entanto, com o advento dos Estudos Culturais na Inglaterra e posteriormente nos Estados Unidos, a teoria literária como um sistema fechado e atemporal vem perdendo aos poucos seus valores hegemônicos. Isto porque as fronteiras disciplinares não se sustentam mais em termos absolutos e verdadeiros, pois novas configurações culturais vão surgindo a cada momento.

Souza (2002) vem criticar principalmente alguns teóricos literários que ainda mantém um olhar preconceituoso sobre os Estudos Culturais, através de ameaças veladas de que a literatura irá perder a sua aura de disciplina única e exclusiva. Na opinião da pesquisadora, é democrático abrir olhares e interpretar conceitos sem a ótica do exclusivismo e da classificação sistemática de autores e obras, muitas vezes baseadas em análises preconceituosas e engessadas. Desta forma, o intento é socializar a grande arte, tornada abstrata nas mãos das elites, bem como promover as manifestações das

classes populares e das minorias a um estado de dignidade cultural que não lhes é concedido.

As ideias de Souza (2002) acima elencadas corroboram na construção de uma inespecificidade da arte contemporânea proposto por Garramuño (2014). Esta, por sua vez, faz uma reflexão sobre a literatura latino-americana e suas implicações ideológicas na contemporaneidade. A pesquisadora se mostra favorável a novas experimentações no campo literário, tomando como base as características peculiares e históricas desta literatura, não tolerando que as mesmas continuem reproduzindo repertórios canônicos e hegemônicos, sem nenhuma conexão com os conflitos sociais que as alimentam. Assim, Florencia Garramuño salienta a necessidade de

Nos inspirar nesse novo cenário latino-americano fora de si para renovar as forças de uma disciplina e de um campo de estudos como a literatura latino-americana, que deveria, ela mesma, iniciar alguma espécie de expansão para evitar seu congelamento em figuras do passado e ir além das conexões filológicas, ou de trajetórias sócio-históricas supostamente comuns que, já no passado, apresentaram também não só fortes divergências, mas até violências íntimas (GARRAMUÑO, 2014, p. 45).

A partir das reflexões acima elencadas, fica claro que o conceito de literatura expandida se relaciona com as novas exigências artísticas da atualidade, haja vista que a complexidade das sociedades e seus questionamentos constantes sobre os mais diversos assuntos, impõem um campo artístico aberto, sem hierarquias fechadas ou elitistas. Através da multiplicidade de gêneros textuais e suportes tecnológicos, do questionamento do estatuto do autor e das fronteiras sempre porosas dos diversos seguimentos artísticos, é bem possível que as comunidades das mais diversas culturas e tempos globais, sintam-se de fato representadas por esses novos tipos de expressão artística, pois tanto o autor ou criador de uma determinada obra, pode dialogar com o seu expectador e este, por fim, através dos múltiplos caminhos da interpretação subjetiva pode questionar o objeto de trabalho, atribuindo opiniões, divergindo de determinadas posições, alcançando assim caminhos abertos para o diálogo frutífero entre criador e leitor. Desta forma, a literatura de autoria indígena e negra vem consolidar um campo até então invisível, pois as pessoas provenientes destas etnias, durante a

colonização portuguesa no Brasil tiveram suas culturas desrespeitadas, sem falar no genocídio do qual fizeram parte. E a literatura, como meio de combate à injustiça vem denunciar esse passado de violência e propor caminhos novos para que essas culturas sejam valorizadas e reconhecidas.

## 1 Literatura de autoria indígena no Brasil

Atualmente são mais de quarenta escritores indígenas no Brasil. O livro intitulado *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*<sup>3</sup> do escritor Daniel Munduruku (2010) oferece ao leitor uma galeria de índios que foram às universidades, fizeram licenciaturas, mestrados e cursos de doutorados, e hoje, com uma gama considerável de informações e teorias, podem questionar o sistema brasileiro, propor ideias de proteção e direitos dos índios além de utilizar a literatura indígena como uma importante ferramenta de divulgação de seus próprios saberes. José Ribamar Bessa Freire, professor da UERJ e coordenador do Programa de Estudos dos Povos Indígenas, por sua vez, salienta que:

O preconceito contra as línguas, as religiões e as ciências produzidas pelos índios alcançou também as artes indígenas, sobretudo a literatura. Os diferentes povos indígenas produziram uma literatura sofisticada, que foi menosprezada porque as línguas indígenas eram ágrafas, não possuíam escrita; e essa literatura foi passada de geração em geração através da tradição oral. As várias formas de narrativa e de poesia indígena, por isso, não são consideradas como parte da história da literatura nacional, não são ensinadas nas escolas, não são reconhecidas e valorizadas (BESSA FREIRE, 2002, p. 10).

Mas, diante dos textos tradicionais de escritores consagrados, há recentemente uma vasta e importante produção literária escrita pelos próprios índios e, por seu caráter de pluralidade cultural e linguístico não pode mais ficar à margem da produção acadêmica. Cabe também a outros pesquisadores envolvidos nas discussões sobre diversidade cultural se comprometerem a divulgar e mostrar para os seus alunos este tipo de produção, pautado, acima de tudo no resgate de uma cultura há tanto tempo silenciada e desrespeitada pela sociedade. A pesquisadora Alana Fries, ao publicar um artigo para a *Revista Espaço Ameríndio*, da UFRGS, nos esclarece o verdadeiro sentido dos índios se tornarem

sujeitos de suas próprias histórias, ao utilizar o meio escrito para isso:

O índio se tornou sujeito de direito, as políticas indigenistas têm aumentado, o número de lideranças indígenas de expressão nacional e internacional é crescente, as novas mídias digitais têm tido papel significativo na circulação de informação e mobilização social e, mais, os povos indígenas estão atualizando os rituais antropofágicos de seus antepassados: buscando aprender como a sociedade não indígena funciona, indo à cidade estudar e representar-se politicamente – devorando o inimigo para obter dele sua força, se preparando para os próximos combates, usando os próprios meios políticos e burocráticos do homem branco para garantir o poder sobre si mesmo (FRIES, 2013, p. 291).

Dentre as escritoras que se destacam na missão de divulgar a cultura dos povos indígenas e de denunciar a situação de extremo esquecimento e exclusão as quais os índios estão inseridos na cena contemporânea, destacam-se Graça Graúna e Eliane Potiguara. Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e considerada uma das mais aguerridas participantes do Movimento Indígena, Potiguara (2004) é poeta, escritora e já conheceu diversos países do mundo, sempre levando a sua mensagem de paz e união entre os povos indígenas. Foi também “a primeira mulher indígena do Brasil a participar de

reuniões internacionais e de fóruns da ONU, para dar origem à Declaração Universal dos Direitos dos Povos Indígenas” (MUNDURUKU, 2012, p. 119). Eliane Potiguara é pioneira na arte de fazer literatura indígena, produzindo a primeira cartilha voltada para os seus povos, editada na década de 1980. Outro feito relevante da escritora foi a criação do Grupo de Mulheres Indígenas, o GRUMIN, órgão de defesa, denúncia e apoio a todas as mulheres que sofrem ou já sofreram algum tipo de violência física ou discriminação cultural. A autora, que sofreu perseguições e ameaças de morte por denunciar as condições subumanas as quais os índios estão submetidos atualmente, relata como testemunha, os mesmos dramas que os seus conterrâneos passaram.

Graça Graúna destaca-se como militante indígena, pertencente ao povo potiguara (RN). Escritora, crítica literária e professora, defendeu sua tese de Doutorado na UFPE, intitulada “Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil”, atualmente publicada em livro. Assim como Eliane Potiguara, Graça Graúna tem vários livros publicados, artigos acadêmicos, blogs e costuma participar ativamente do



movimento indígena no Brasil e no exterior. Segundo a escritora, “negar a existência da literatura de autoria indígena e afro descendente, por exemplo, é uma forma de preconceito literário” (GRAÚNA *apud* POTIGUARA, 2004, p. 20), chamando a atenção para a importância das editoras, universidades, livrarias, escolas e todas as instituições que fazem circular os produtos culturais, de divulgarem estas obras. Há de acentuar a importância da leitura e da análise destes escritos, pois, até meados do século XX o que tem sido notado é que as vozes destas etnias foram silenciadas em detrimento da produção de antropólogos, historiadores e ficcionistas que retrataram os índios através de suas próprias visões. No entanto, agora é possível conhecer a produção literária dos próprios indígenas, pois, utilizando das mídias para divulgar suas mensagens de paz entre os povos, respeito com as etnias indígenas e outras questões sociais que envolvem o movimento indígena na sociedade brasileira, Eliane Potiguara e Graça Graúna alimentam constantemente seus sites e blogs e neles encontramos conteúdo fértil sobre a riqueza da cultura indígena.

## 2. Os blogs de Eliane Potiguara e Graça Graúna

O blog de Eliane Potiguara<sup>1</sup>, que estampa na primeira página “**Meus textos pelos caminhos e descaminhos da vida**”, é um painel riquíssimo sobre a produção literária e científica da autora, além de proporcionar a seus leitores as publicações de entrevistas, eventos aos quais Eliane Potiguara participou, galerias de fotos e como adquirir os seus livros pela internet. O blog é construído de forma organizada e logo no início encontramos a satisfação de Eliane Potiguara ao proporcionar um contato mais direto com os seus leitores:

Seja bem vindo a este blog pessoal. Tenho estado envolvida em muitas atividades políticas, mas senti necessidade de ter algo mais próximo a você, leitor, leitora. Por isso esse blog pessoal. Obrigada por sua atenção! Deixe seus comentários na caixa de diálogo! O maior presente do artista é o retorno dos fãs, amigos solidários!<sup>2</sup>

No link sobre Poesia, o leitor pode conhecer a produção poética da autora, como por exemplo, a “Oração pela

<sup>1</sup> <http://elianepotiguara.blogspot.com.br/>

<sup>2</sup> (Disponível em: <http://elianepotiguara.blogspot.com.br/> Acesso em: 26.04.2020)

libertação dos povos indígenas” dedicado a Marçal Tupã-y, cacique guarani nhandewa assassinado em 1983. Esse texto poético representa a multiplicidade da cultura indígena e aborda temas contemporâneos como a morte e o preconceito aos quais os índios foram vítimas pelo processo colonizador e ainda o são na cena contemporânea. O eu lírico clama pela paz entre os povos, exalta a natureza e o respeito aos ancestrais, além de trazer vocabulário típico das etnias indígenas, como o sagrado costume do ritual Toré e das práticas de cura como a Pajelança, a musicalidade presente no Maracá, além de descrever outros hábitos cotidianos presentes nas aldeias indígenas como as festas de mandioca e o consumo da chicha, bebida fermentada pelos povos indígenas da Cordilheira dos Andes e da América Latina. Como se trata de uma oração, Eliane Potiguara solicita ajuda dos seus ancestrais, guias e deuses, como o Xamã, Tupã, Ave-Xamã e o Nhendiru! E o índio assassinado em 1993 aparece nos versos de Potiguara, evocando o seu espírito para fazer parte das celebrações indígenas:

Nas noites de luas cheia, ó Marçal, chamai  
Os espíritos das rochas pra dançarmos o  
Toré.  
Trazei-nos nas festas da mandioca e pajés

Uma resistência de vida”  
Após bebermos nossa chicha com fé<sup>3</sup>

Como se trata de um texto poético publicado em Blog, os leitores podem escrever e emitir suas opiniões. No poema intitulado “Oração pela libertação dos povos indígenas” foram exibidos 21 comentários e todos respondidos por Eliane Potiguara. Nesse sentido podemos perceber a aproximação entre escritora e leitores, em um processo claro de democracia literária e cumplicidade escritural entre produtor e leitor. Além de palavras de apoio, elogios e satisfações gerais, Eliane Potiguara recebe também links de artigos compartilhados por seus leitores, relacionando-os aos seus poemas publicados.

Outro gênero literário que está publicado no Blog de Eliane Potiguara é a crônica, gênero classificado pela linguagem coloquial e objetiva e que traz temáticas pertinentes ao atual processo político brasileiro. Até o momento Eliane publicou em seu blog quatro crônicas intituladas: “Mulheres indígenas: lutem contra a violência doméstica e territorial”!; “Compromisso com a cultura

---

<sup>3</sup> (POTIGUARA, Eliane. **Oração pela libertação dos povos indígenas**. Disponível em: <http://elianepotiguara.blogspot.com.br/Acesso> em: 26.04.2020).

e Espiritualidade indígena”; “A violação aos direitos indígenas” e “Um beijo estancado no ar” que retrata um episódio ocorrido com a escritora no feriado de 21 de abril, mas que possibilitou reflexões históricas sobre a Inconfidência Mineira e seus desdobramentos perante a sociedade brasileira contemporânea:

As mentes descontroladas saboreavam os pensamentos alegres daquele mágico dia 21 de abril, quase véspera da véspera do outro feriado: Dia de S. Jorge, o padroeiro do povo brasileiro, o padroeiro dos jogadores de futebol, dos comerciantes, dos marginais, dos negros, dos despossuídos, dos favelados, dos injustiçados, enfim do povo brasileiro tão sofrido, mas feliz e cantante<sup>4</sup>.

Avançando no Blog de Eliane Potiguara observa-se no link Entrevista, um longo texto escrito pela autora que na verdade são respostas dadas pela mesma para compor a tese de Doutorado do escritor indígena Daniel Munduruku. Essa tese está publicada em livro e intitula-se *O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. Mundurku (2012), que entrevista várias lideranças indígenas para embasar

o seu trabalho científico, escolhendo Eliane Potiguara para falar de suas vivências pelo mundo, seus conflitos e dificuldades na divulgação e no respeito à cultura indígena além de proporcionar fatos curiosos sobre a sua biografia e estilo de vida. No blog de Eliane Potiguara também há uma exposição de livros publicados pela autora como *Metade cara, metade máscara* (2004), *A cura da terra* (2015), *O pássaro encantado* (2014), *O coco que guardava a noite* (2012), além de antologias de outros escritores indígenas. O link intitula-se “Adquirir livros”, e a autora sinaliza a facilidade que os leitores podem ter ao receber seus livros em casa, através de depósito bancário. É louvável a atitude da escritora nessa política de aquisição de seus livros, visto que nem todas as suas obras estão presentes nas livrarias do nosso país. Além dos links demonstrados acima, através de uma breve análise, percebemos que existem outras especificidades no Blog, como as Postagens populares, direcionadas à cultura e política indígenas e Ensaaios sobre a escritora do ensaísta português Leonel Cosme, intitulado “As impossíveis renúncias de Agostinho Neto e Eliane Potiguara”.

<sup>4</sup> (POTIGUARA, Eliane. Um beijo estancado no ar. Disponível em: <http://elianepotiguara.blogspot.com.br/> Acesso em: 26.04.2020).

Assim como Eliane Potiguara, Graça Graúna também possui um Blog<sup>5</sup> diversificado e pautado nas questões políticas, sociais e culturais das etnias indígenas. Na primeira página do seu Blog estão visíveis os links: Artigos, Direitos Humanos, Entrevistas, Fortuna Crítica e Saberes indígenas. A sua última publicação foi um texto intitulado “Mulheres indígenas nos espaços culturais”, postado em 20 de abril de 2018 e escrito por Luana P. Esse texto aborda o protagonismo das mulheres indígenas brasileiras, que ocupam atualmente diversos espaços culturais, como a literatura, a música, o cinema e artes plásticas:

Ao contrário do que muitas escolas insistem em propagar, por exemplo, há muitas formas de ser um indígena no Brasil que vão além da utilização simbólica do cocar ou morar em uma aldeia. Os indígenas hoje estão em suas comunidades tradicionais com fortes lideranças, como a do xamã yanomami Davi Kopenawa, mas também estão nos grandes centros, como a presença do ativista ambientalista Ailton Krenak, e, especialmente, estão nas universidades que formam indígenas filósofos, linguistas, antropólogos, advogados, médicos, entre tantos outros profissionais. Os indígenas estão produzindo cinema, música e literatura. Também estão na política e

no desenvolvimento sustentável. E, de Norte a Sul, esses povos estão organizados em lutas por seus direitos, suas tradições e seu reconhecimento perante a sociedade brasileira<sup>6</sup>.

No link Entrevista, Graça Gaúna responde a algumas perguntas elaboradas por Marlene Reis. A ideia de criar um Blog, por exemplo, se deu a partir da necessidade da escritora indígena interagir com seus leitores, além de divulgar suas obras literárias e consequentemente fazer uso do espaço virtual para demonstrar outras publicações voltadas para a cultura e os saberes indígenas:

No meu blog, à medida que vou postando meus poemas e outros escritos, sempre acompanhados de imagens; vou acrescentando novidades e elementos que considero necessários à dinâmica da página. No início, pensei que haveria pouquíssimos acessos. Hoje, meu blog conta com milhares de acesso; a última contagem ultrapassa a casa de 21 mil leituras ou acessos. Isto é muito gratificante e aumenta a minha responsabilidade como escritora indígena, mulher, educadora, cidadã<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> (P, Luana. **Mulheres indígenas nos espaços culturais**. Disponível em: [ggrauna.blogspot.com.br/Acesso](http://ggrauna.blogspot.com.br/Acesso) em: 28.04.2020).

<sup>7</sup> (REIS, Marlene. **Entrevista com autores**. Disponível em: [ggrauna.blogspot.com.br/Acesso](http://ggrauna.blogspot.com.br/Acesso) em: 28.04.2020).

---

<sup>5</sup> <http://ggrauna.blogspot.com.br/>

Já no link Direitos Humanos, Graça Graúna esclarece sobre a lei implantada no Brasil que possibilitou a inclusão das línguas e culturas indígenas e negras nos espaços escolares e universitários a exemplo da Lei 11. 645, de 2008, ano considerado um marco para a literatura e cultura dos povos indígenas e negros no Brasil, haja vista que durante muito tempo escolas e universidades não contemplavam livros de autoria indígena nos seus currículos. No entanto, mesmo com a promulgação oficial desta lei, ainda persiste a prática de conteúdos elitistas e canônicos, voltados para a cultura branca e hegemônica, desconsiderando o multiculturalismo presente no Brasil. Para embasar o seu propósito de divulgação dos saberes indígenas, Graça Graúna publica no seu Blog o artigo “Uma leitura da identidade e do movimento indígena”, no qual traça uma rica biografia de Daniel Munduruku além de comentar a tese de Doutorado defendida pelo escritor na USP em 2010. Para muitos indígenas militantes, a oportunidade de doutorar-se em uma instituição consagrada e respeitada como a Universidade de São Paulo foi uma celebração histórica para o movimento indígena brasileiro, pois ainda são poucos

os indígenas que conseguem alcançar esse nível intelectual e acadêmico no Brasil.

Outro dado interessante que o leitor pode encontrar no Blog de Graça Graúna são os arquivos postados desde 2007 até a contemporaneidade. É uma galeria de postagens feitas ao longo desta década, com notícias sobre História da cultura indígena, manifestações a favor da inclusão do indígena na sociedade brasileira, entrevistas com diversas lideranças, além de propagandas de livros publicados de autoria negra e indígena, sempre com resenhas e ilustrações. É um Blog tecido por diversas vozes culturais, um espaço democrático e ao mesmo tempo repleto de lirismo e respeito pela cultura do outro. No arquivo de 29 de maio de 2013, por exemplo, encontra-se o convite do lançamento do seu livro: *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*, lançado neste mesmo ano no Rio de Janeiro. Além de informações valiosas sobre a cultura oral indígena e seus desdobramentos artísticos na cena contemporânea, pode ser acessado o texto “Qual o lugar da literatura indígena no Brasil?”, no qual a escritora escreve em 15 de junho de 2009, durante o I Colóquio entre Tradição Oral

e Literatura Brasileira, no Teatro R. Magalhães Junior, no Rio de Janeiro.

as imagens dos seus livros, com alguns resumos e resenhas para que o leitor se familiarize com as especificidades da cultura indígena. Também se encontra no Blog informações para adquirir os livros e recebê-los em casa, através de endereços de e-mails. Por fim, a autora está sempre “alimentando” a sua página virtual com notícias atuais, convites para eventos envolvendo a cultura indígena, lançamentos de livros, comentários e resenhas sobre diversos produtos culturais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir destas breves análises dos blogs de Eliane Potiguara e Graça Graúna, torna-se importante que outros pesquisadores e professores de História, Literatura, Geografia e demais disciplinas que se relacionam direta ou indiretamente com a cultura indígena,

divulguem a produção literária e interdisciplinar destas escritoras. A literatura de autoria indígena já está consolidada nos meios virtuais, com diversas publicações e entrevistas de seus criadores, no entanto, faz-se necessário e urgente uma maior divulgação em instituições compromissadas com a releitura dos povos indígenas no sentido de ampliar para um público maior a riqueza destes povos. Nesse sentido outros suportes virtuais vêm ganhando espaço como multiplicadores destas culturas, pois as fronteiras entre o livro impresso e as escritas virtuais tornam-se fluidas e dinâmicas, num processo enriquecedor e democrático, no qual a literatura torna-se a grande protagonista desta variedade de tecidos textuais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Luciene. “Blogs: a escrita de si na rede dos textos”. In: *Revista Matraca*, v. 14, n. 21. Rio de Janeiro, jul. – dez. 2007. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/matraca/matraca21/arqs/matraca21a03.pdf>. Acesso em: 29.04.2020.

ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada: experiência literária em terra indígena**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

BENJAMIM, Walter. **A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica**. Rio de Janeiro: L&PM Editores, 2018.

BESSA FREIRE, José Ribamar. **Cinco ideias equivocadas sobre os índios**. Disponível em: [www.taquiprati.com.br](http://www.taquiprati.com.br), 2002. Acesso em: 20 abril de 2018.

FRIES, Alana. **Daniel Munduruku e Kaká Werá Jecupé: uma experiência de leitura do mundo do outro**. In: *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 7, n 1, p. 287- 308, jan./jun. 2013.

GARRAMUÑO, Florência. **Frutos estranhos: sobre a inespecificidade na estética contemporânea**. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Tradução de Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

GRAÚNA, G. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.

GRAÚNA, Graça. “Identidade indígena: uma leitura das diferenças”. In: **Metade cara, metade máscara**. De Eliane Potiguara. São Paulo: Global, 2004. p. 17-21.

MATOS, Cláudia Neiva de. “Escritas indígenas: uma experiência poéticopedagógica”. Boitató (UEL), Londrina/PR, v. 12, p. 29-51, 2011. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/boitata/volume-12-2011/B1203.pdf>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990)**. São Paulo: Paulinas, 2012.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. São Paulo: Global, 2004.

RESENDE, Beatriz. **Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI**. Rio de Janeiro: Casa da palavra, 2008.

RIBEIRO, Berta. **O índio na história do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Global, 2011.

RIBEIRO, Darcy. **Os índios e a civilização**. São Paulo : Círculo do livro, 1986.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA, Eneida Maria de. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.